

Palavras de Silo
por motivo da primeira celebração anual
da Mensagem de Silo

Punta de Vacas, Mendoza, Argentina
4 de maio de 2004

Queridos amigos,

Fracassamos, mas insistimos! Fracassamos, mas insistimos em nosso projeto de humanização do mundo.

Fracassamos e continuaremos fracassando uma e mil vezes, porque montamos nas asas de um pássaro chamado “intento”, que voa sobre as frustrações, as debilidades e as pequenezas.

É a fé em nosso destino, é a fé na justiça de nossa ação, é a fé em nós mesmos, é a fé no ser humano a força que anima nosso vôo.

Porque não é o fim da História, nem o fim das ideias, nem o fim do homem, porque não é tampouco o triunfo definitivo da maldade e da manipulação, é que podemos tentar sempre mudar as coisas e mudarmos a nós mesmos.

Esse é o intento que vale a pena viver, porque é a continuação das melhores aspirações das boas pessoas que nos precederam. É o intento que vale a pena viver porque é o antecedente das futuras gerações que transformarão o mundo.

Duas grandes almas que lutaram contra a discriminação e a injustiça acompanham nosso encontro. Guias inspiradores da não violência, Mahatma Gandhi e Luther King, souberam do fracasso mas jamais desistiram em seu intento. Hoje estão muito presentes em nossa mente e em nosso coração.

Neste desgraçado mundo no qual a força e a injustiça se assenhoreiam em campos e cidades, como se pensa em acabar com a violência?

Talvez pensem que são um exemplo inspirador para as novas gerações quando, disfarçados de videogame, investem contra o mundo; quando ameaçam na pior mostra de bandidagem; quando finalmente enviam seus rapazes para invadir, matar e morrer em terras longínquas. Este não é um bom caminho nem um bom exemplo.

Talvez pensem que voltar às práticas primitivas de pena de morte será um grande exemplo social.

Talvez pensem que penalizando progressivamente o delito cometido pelas crianças desaparecerá o delito... Ou desaparecerão as crianças!

Talvez acreditem que, levando a prática do “pulso firme” para as ruas, as ruas serão seguras.

Certamente, esses problemas existem e se multiplicam no momento atual, mas com um enfoque violento da violência não resultará a paz.

Não resultará a paz a partir dessa visão zoológica da vida que apoia a luta pela sobrevivência, a luta pelo domínio do mais apto. Não resultará esse mito. Não resultará a paz manipulando-se as palavras ou censurando-se as genuínas denúncias que se fazem contra todo atropelo e toda atrocidade que se comete contra os seres humanos. A essa altura, tomarei cuidado para não mencionar os “direitos humanos”, porque também foram esvaziados de conteúdo e falseados em seu significado. Agora acontece que se bombardeia as populações indefesas para proteger seus direitos humanos...

Não resultará a paz a partir dessa visão zoológica da vida que propicia uma ordem social com base em prêmios e castigos, trasladando a domesticação animal ao honorável cidadão, que começa a ser treinado em desconfiança, em delação e no comércio de seus afetos.

“Algo tem que ser feito” se escuta em todos os lugares. Pois bem, eu direi o que tem que ser feito, mas de nada valerá dizê-lo porque ninguém escutará.

Eu digo que, na ordem internacional, todos os que estão invadindo territórios deveriam retirar-se imediatamente e acatar as resoluções e recomendações das Nações Unidas.

Digo que, na ordem interna das nações, deveria haver um empenho em fazer funcionar a lei e a justiça, por mais imperfeitas que sejam, antes de endurecer leis e disposições repressivas que cairão nas mesmas mãos dos que entorpecem a lei e a justiça.

Digo que, na ordem doméstica, as pessoas deveriam cumprir o que predica, saindo de sua retórica hipócrita que envenena as novas gerações.

Digo que, na ordem pessoal, cada um deveria se esforçar para conseguir que coincida o que pensa com o que sente e o que faz, modelando uma vida coerente e escapando da contradição que gera violência.

Mas nada do que se diga será escutado. No entanto, os próprios acontecimentos conseguirão que os invasores se retirem; que os duros sejam repudiados pelas populações que exigirão o simples cumprimento da lei; que os filhos recriminem a hipocrisia de seus pais; que cada um se recrimine a si mesmo pela contradição que gera em si e naqueles que o rodeiam.

Estamos no final de um obscuro período histórico e já nada será igual a antes. Pouco a pouco, começará a romper a alvorada de um novo dia; as culturas começarão a se entender; os povos experimentarão uma ânsia crescente de progresso para todos, entendendo que o progresso de uns poucos termina no progresso de ninguém. Sim, haverá paz e por necessidade compreender-se-á que começa a se perfilar uma nação humana universal.

Enquanto isso, nós que não somos escutados trabalharemos a partir de hoje em todas as partes do mundo para pressionar os que decidem, para difundir os ideais de paz com base na metodologia da não violência, para preparar o caminho dos novos tempos.

Sim, vale a pena que esta Mensagem e este Humanismo Universalista ganhem força. Vale a pena que os jovens engrossem esta Força Moral como uma variante da História, que este caudal seja incontido e se escute seu rumor em todas as línguas da Terra. Então, as novas gerações começarão a ensinar as adultas com um novo afeto e uma nova compreensão.

Finalmente, amigos, eu quero compartilhar com todos esta certeza profunda que diz: “o Sagrado está em nós e nada de mal pode acontecer nessa busca profunda do Inominável”. Creio que algo muito bom

ocorrerá quando os seres humanos encontrem o Sentido tantas vezes perdido e tantas vezes reencontrado nos recantos da História.

Quisera eu, amigos, que se escutasse a mensagem do Profundo. Não é uma mensagem estridente, é uma mensagem muito calma que não se pode escutar quando se quer aprisioná-la.

Quisera eu, amigos, transmitir a certeza da imortalidade. Mas como poderia o mortal gerar algo imortal? Talvez deveríamos perguntar-nos sobre como é possível que o imortal gere a ilusão da mortalidade.

Que bom é estar aqui juntos, considerando o presente e o futuro. Que bom que neste momento milhares de amigos em distintas latitudes estejam presenciando este encontro. Mas, por outro lado, já não vale que busquemos lugares afastados para nos expressarmos sem ofender ninguém, porque estas palavras estão chegando muito longe. Então, será necessário pedir desculpas a quem tenha se sentido agredido por nossos dizeres, que sem dúvida não buscaram personalizar, e sim referir-se a situações e momentos históricos pontuais.

Enquanto as palavras vão morrendo em calma, nossos olhares as substituem...

Nossos olhares se encontram e se compreendem em profundidade.

Saudamos a todos de coração a coração.

Silo